

Gustavo Alves, deputado estreante do PPM

“Força totalitária do PS tem que acabar; o momento é agora”

Quem é Gustavo Alves?

Sou um jovem sonhador, com 27 anos, natural da freguesia de Ponta Delgada, Ilha das Flores.

Venho de uma família respeitada por ser simples, humilde, trabalhadora e altruísta. Tenho um orgulho enorme em continuar a seguir os conselhos dos meus pais e avós, pois isso faz-me continuar a ser uma pessoa de bem e julgo ter alguma sorte na vida por isso.

Guiar-me pela verdade e bondade tem sido a melhor estratégia para ter um bom karma.

Nunca soube bem que trabalho queria para o futuro, sendo que o meu tempo no ensino secundário passou por participar nas aulas, absorver o que os professores ensinavam, ir para casa só para deixar a mochila, jantar e pegar na bicicleta para ir ter com amigos, conviver com adultos, ajudar numa tarefa ou outra, aprender sobre as diversas actividades feitas por eles.

Como tenho espírito positivo e empreendedor nunca tive dificuldade em me relacionar com pessoas de diferentes personalidades e feitos.

Conviver é uma óptima forma de aprender e pensava sempre em como melhorar e facilitar a vida dessas pessoas com quem convivia.

Pensava numa maneira mais fácil de trabalhar, sendo mais ergonómica ou eficiente, ou numa maneira de poupar dinheiro.

Sou muito curioso e observador, custava-me ver fazerem-se coisas de uma maneira mais complicada ou dispendiosa. Hoje em dia quando estou a fazer algo, se me vêm a fazer de maneira mais complicada gosto que me alertem para melhorar.

Acabei por repetir Matemática A durante três anos e fui vivendo uma vida de liberdade, com a carta de condução, o carro antigo do meu pai (que ainda possuo e vou preservar pelas recordações todas que tenho) e a ganhar dinheiro a fazer biscoitos para pagar o combustível e gastos com a boa vida.

Um dia aconselharam-me a tirar o curso profissional que tenho, Contra-mestre da Marinha Mercante, tirado em Lisboa.

Foram mais três anos em que estive a estudar um pouco mais e a viver experiências na capital.

Tudo passou muito rápido e desde o fim do curso, começar a trabalhar e o mês de Abril deste ano, foram mais cinco anos, em que metade foram no mar e a outra na Ilha das Flores, a imaginar maneiras de melhorar as condições de

“Sou marinheiro da marinha mercante (...) e um jovem sonhador com 27 anos



vida e felicidade das nossas gentes.

Qual a sua principal ocupação e como surgiu o seu interesse pela política?

Sou marinheiro da marinha mercante, mas a Covid-19 parou a frota da empresa onde prestava serviços e regressiei a casa para iniciar um pequeno negócio.

Acabei por receber e aceitar uma boa proposta para trabalhar no café restaurante “O Porto Velho”, para ganhar mais dinheiro para criar um negócio mais tarde.

Sempre tive algum interesse na política, porque é por essa via que se tomam medidas e decisões que fazem evoluir um local ou região, desde as juntas de freguesia ao Governo.

O que tem acontecido durante quase toda a minha vida é que cresci muito feliz, mais os meus amigos, e a pensar que estávamos quase todos na ilha com condições financeiras suficientes para continuarmos felizes.

O que comecei a perceber, já há largos anos, é que o Governo Regional no activo controla a região de uma forma que prejudica o crescimento da população e economia das ilhas menos povoadas.

No caso da Ilha das Flores, a falta de apoio e incentivo à criação de empresas privadas faz com que importemos a maior parte dos produtos que consumimos. Produzimos quase nada, e esta seria uma das vias para a criação

de mais emprego e de garantir a qualidade da produção.

Incentivaram sempre foi encher os serviços públicos com pessoas em programas e contratos desmotivantes, sem perspectiva de futuro.

Para este Governo, e também autarquias, os habitantes das nossas ilhas são números e estão todos a serem tratados apenas como assistentes operacionais.

Não verificam em que é que as pessoas, que têm nomes e virtudes, serão mais dotadas e perdem-se mentes e habilidades fantásticas, porque a única solução que arranjam para essas pessoas meterem comida em cima da mesa são os programas de contratação desmotivantes.

As políticas têm que mudar. Tem que existir proximidade às pessoas.

Como encarou o resultado eleitoral na sua ilha? Ficou surpreendido com a sua eleição?

Sendo o mais sincero possível, eu tinha quase a certeza que iria ser eleito.

Costumo dizer que a minha campanha já vem de há anos, muito diálogo com as pessoas, conhecer os seus costumes, hábitos e dificuldades, ser um homem da ilha.

Mas sabia que seria renhido contra os partidos grandes, porque existe ainda muito enraizamento dos símbolos partidários nas pessoas mais antigas, que não votam pelos candidatos.

Tive sorte de conseguir formar uma

lista forte de seis elementos, que ajudou muito a manter a moral em cima.

No porta-a-porta apenas pudemos ser dois, com a ajuda do líder nacional do PPM em alguns dias, mas conseguimos transmitir a realidade política que temos vivido – a falta de proximidade do Governo para com os florentinos (o furacão não serve de desculpa para os anos anteriores) e o desprezo pelas dificuldades vividas ao nível da saúde, educação, transportes, entre outras.

Portanto, 360 pessoas confiaram o seu voto em mim e quero valer por 10 vezes essa confiança, mostrando que com trabalho consegue-se melhorar as nossas condições actuais. Para sentir as dificuldades basta viver aqui um mês. E encontra-se logo também os culpados.

O que é que o levou a candidatar-se?

A urgência para existir um político sem medo de dar a cara pelos problemas da ilha e próximo das pessoas, que fique sensibilizado com as dificuldades das mesmas e que as procure resolver. E também para honrar o convite do Paulo Estêvão, parlamentar que, por ser apenas um eleito pelo PPM, foi tratado pelo PS como “apenas um” ou que ladrava e não mordida.

O tiro saiu pela culatra de muitos pistoleiros que dominam a região sem princípios de igualdade, justiça, transparência.

(continua na página seguinte)